

OSINTOSEN  
OSENTOASS  
OASSENTOS  
OSINTOSEN  
OSENTOASS  
OASSENTOS  
OSINTOSEN  
OSENTOASS  
OASSENTOS  
OSINTOSEN

VERÓNICA DE ABREU

**É**

as minhas mãos só fazem sentido quando seguram as tuas,  
quando, num impulso, te acariciam o cabelo  
e te redesenham as curvas do pescoço

o meu olhar só faz sentido quando te adivinha a silhueta,  
quando numa atracção com o teu nos fazem encostar as almas

a minha vida só faz sentido abraçada à tua,  
quando num acordar te toco, quando num anoitecer te encontro

**Um momento**

Num vômito rasgado de alma, num gemido rouco de uma dor desconhecida, a minha solidão esmagou-me... Entre soluços do corpo e lágrimas de pranto impossíveis de controlar, perda no sofrimento de um sentimento de abandono, descubro a ferida que me habita e que não trato. Agora não a posso ignorar, agora sangra até ao tutano, agora alastra-se como a sombra ao cair da noite... e dói...

**Clareira**

Leva-me para um ângulo escondido  
Não me fales, pega só na minha mão  
Não me olhes, dá-me só o teu ombro  
Tira-me do hoje, do aqui e do agora  
Não me peças, como se o meu silêncio fosse um grito  
Não me entretendas, como se a minha letargia fosse um refúgio,  
Adormece-me e deixa-me acordar diferente  
Não me pressiones, fica só ao alcance de um olhar  
Não me dês a tua força que eu encontro a minha  
Embala-me sem pressa que eu sei que hei-de voltar

**Um dia**

As minhas manhãs acordam quando te espreguiças.  
Quando saio sei que vou voltar a reencontrar-te ao entardecer  
E as horas andam sussurradas em contagem decrescente,  
E os minutos livres soltam pensamentos que me fazem suspirar.  
Regresso a casa com as mãos cheias das tuas coisas preferidas  
E à noite o calor do teu corpo é a minha manta apetecida.

**Tu**

no teu castelo construído de ti, tão forte como as verdades puras, tão  
tocantemente belo, tão humano com o que há de seguro e bom em sê-lo,  
consegues com mil carinhos, mil afagos, mil botões de flor, mil raios de luz,  
iluminar a vida de quem acredita e se esquece, de quem ama e perde o norte,  
de quem sofre e sente a dor.

Amo a tua fé, a tua clareza, a tua forma teimosa de viver!

E amo os teus cansaços, o teu cuidado, as tuas muralhas viradas a Norte (todas  
as que conheço e as que apenas adivinho)... porque são elas que te fazem florir  
exuberantemente a Sul e te tornam tão deslumbrante a quem te sente.

### **Momentos**

Num baile de mariposas,  
Desenhado pela luz do dia que nasce,  
(Sem frio, apenas calma. Sem calor, apenas bem.)  
Saboreio-te a pele com os olhos de quem acorda.  
A minha mão toca ao de leve nesses traços de luz  
Com que a madrugada desenha em contornos o teu corpo  
E que te tornam infinitamente belo...  
Neste momento, para sempre, infinitamente meu.

### **Aprendendo**

Mil obras, mil horas...  
Há tempos de luta, há tempos de luto  
Existiram batalhas a travar, existiram sofrimentos a tratar  
Acredito que a sorte se faz, mas não se controla  
Mas foram mil obras, mil horas  
Foram sorrisos banhados de lágrimas, foram muitas dores  
Foi desespero misturado de instinto de sobrevivência  
Foram sombras com sonhos de luz, foi acreditar  
Afastei e afastaram-se as espadas, os cortes, as feridas  
Que nos deixam sem respirar, que nos fazem soluçar  
Vivo no rescaldo do fogo, estranho o silêncio e abenço-o  
Mergulho de cabeça na paz esquecida, de tão ausente que foi  
A custo acredito na minha vitória que foi tantas vezes só uma imagem  
Imaginada, mas nítida, forte... longínqua... que me fez sobreviver  
E que me fez encontrá-la por labirintos cobertos de nevoeiro  
Porque sabia o que não queria e o que queria, porque vacilei mas não caí  
Porque ganhei apesar de ter perdido, porque recebi apesar de ter pago  
incansavelmente

**Na borda do mar**

Fazem-me cócegas as ondas da vida,  
Ou choro ou rio.  
E sei que vão partir e não-de voltar.  
Arrepio-me quando a água me envolve  
Ou choro e rio  
Porque sei que vai partir e se calhar voltar.  
Descanso a luta aos pensamentos,  
E choro e rio  
Pois não-de partir e vão voltar!

Ao som de um poema  
Nasce a aurora num raio de luz  
Aos poucos espreguiçam-se as cores  
Solta-se a medo o verde que banha o chão  
O orvalho brilha em acordes  
Ritmadamente movem-se os bichinhos

Num novo ciclo circadiano, sem porquês  
E a natureza desperta preguiçosa, mas imparável  
Imparável, desdobrando-se em belezas  
Desabrochando como se nada fosse senão natural  
Mas vêm as sombras, seca-se a terra à medida que o sol sobe  
E a tristeza de que tudo se está sempre a perder  
Que morre e renasce, faz e desfaz-se  
O fluxo não pára, ninguém o consegue abrandar  
A pena melancólica de que o temos de aceitar  
E que os momentos não são eternos, mas lindos  
E ainda mais por serem assim...  
E morre o dia num último raio de luz  
Aos poucos as cores adormecem em escuridão  
A terra reverbera ainda o que foi o dia e  
Sente-se a pausa, no entanto viva, de uma noite  
Num novo fim, num novo início...

